

Homenagem 100º Aniversário Natalício

(in Memoria)

PAI, AVÔ, BISAVÔ E TRISAVÔ

António João Nicolau



(1915 – 2015)

APRESENTAM-SE:

.....

.....



APONTAMENTOS E «MEMÓRIAS» SOBRE ANTÓNIO JOÃO NICOLAU

Camabatela, Município de Ambaca, 3 de Julho de 2015

Homenagem ao 100º Aniversário Natalício de

ANTÓNIO JOÃO NICOLAU

(1915 – 2015)

xxxxxxx0000xxxxxx

APONTAMENTOS E «MEMÓRIAS»

ESCLARECIMENTO PRÉVIO

Dia **3 de Dezembro**, é dia de *São Nicolau*.

Dia **3 de Julho**, é o dia de aniversário de nascimento de **António João Nicolau**, patrono da FANICOL (*Família Faria Nicolau*).

Atendendo à origem mais próxima da família Nicolau, de vocação maioritária cristã/católica, particularmente o progenitor João Nicolau, em 2003, pensámos dar corpo àquela data (*3 de Dezembro*), dando como pontapé de saída, com alguma actividade/acção que simbolizasse tal iniciativa.

Assim, naquele ano, pretendíamos que a família formalizasse a **semana de S. Nicolau**, no período compreendido entre **1 a 6 de Dezembro**, em *memória ao Pai, Avô, Bisavô e Trisavô António João Nicolau*. Houve atrasos, e com o passamento físico, aos 10 de Dezembro de 2003, da nossa inesquecível e bem-querida Cristina Rodrigues de Faria, tudo se complicou e nada publicitámos, porque já existia um programa preliminar gizado com a finada e não houve força anímica interior, nos tempos seguintes, para se fazer fosse-o-que-fosse. Em Junho de 2007, com o ânimo ainda não bem recomposto, mas com a mente espiritualmente em sintonia com os ensinamentos que nos legou (como era vontade dela), neste leve e suave percurso, vimos convidar-vos a partilhar connosco algumas passagens de memórias da família a que pertencemos, tendo em conta que a FAMÍLIA é a célula base de uma determinada sociedade.

Dando continuidade à compilação de apanhados dispersos de informações sobre a(s) família(s) a que pertencemos, não tendo suportado às «tentações» e pressões internas/externas, mais uma vez aparecemos à vossa presença com os nossos rascunhos a abordar assuntos que ainda requerem alguma delicadeza e fineza no trato dos mesmos. Sem querer abusar da paciência que vos é peculiar, desta vez, o nosso trabalho vai direccionado à uma incursão mais ao Norte (Cabinda) e fazer a sua ligação com Malanje e o resto de Ambaca. Porém, convém notar que tanto em Ca-binda como em Malanje encontramos uma localidade com o nome de «Milando»¹. Todavia, encontramos também no Kwanza-Norte a localidade de Cabinda².

¹ **Milando**, é comuna do município de Xandele, em Malanje (de acordo com informação de Mateus da Silva Inglês, aos 14.03.07). Porém, vamos consultar também o nosso colega e amigo, natural de Cabinda, cuja graça é **João Milando**.

² Cabinda ou “**Ka-nbinda**”, será diminutivo de *nbinda* ?! (significa, “cabaça”, do *kimbundu*).

PROJECTO FANYCOL

IBAN: AO 06001000010001177801154

BPC – Agência Central (Sede) Luanda

Para construirmos tal ponte socorremo-nos da figura de António João Nicolau ou simplesmente “António da Cahala” (de pai Cabinda, de nome João Nicolau, ou simplesmente *João-Cabinda*, como popularmente era referenciado devido à sua origem). Isto é, vindo de Cabinda, a expansão do catolicismo nas paragens de Malanje, Kwanza-Norte e parte do Uíge, está associada à presença de um *cabinda*, continuado pelos seus *tutelados* e descendente directo³.

INTRODUÇÃO

À semelhança da pequena resenha que, oportunamente, fizemos para a nossa saudosa “Cristina Faria” e esta sede profunda de querer saber **de quem viemos** é a chama que nos leva a trazer aqui estas breves linhas.

Em conversa havida com o mais velho Conceição (António João Nicolau), na altura já com idade avançada, mas bem lúcido, quisemos saber da origem do senhor que veio de Cabinda e se aportou em terras de Malanje. Sendo ele o mais novo dos irmãos (cassule) e tendo saído da vivência malanjina bastante novo, as informações mais antigas em relação à família estavam confiadas aos irmãos mais velhos⁴.

Porém, da nossa curiosidade, obtivemos alguns dados que se resumem no seguinte: «*o pai (João Nicolau), limitava-se a dizer que tivera saído de Cabinda aos cerca de 15 anos de idade, na companhia dos padres que o trouxeram até Malanje, pois dos familiares nada restou, porque a aldeia onde viviam havia sido queimada e arrasada, devido aos conflitos (confrontos/guerra) que se registaram entre portugueses e holandeses (ou talvez, ingleses – estrangeiros). Ele sobreviveu, porque havia conseguido refugiar-se junto dos missionários, por isso, evitava falar sobre o assunto, porque alegava que nada mais tinha ficado (...)*». É nossa convicção que, provavelmente, os irmãos mais velhos tivessem mais alguma informação que procuraremos aflorar com os parentes sobreviventes.

Assim, do que vamos apresentar trata-se de uma pequena recolha de relatos dispersos, de alguma consulta bibliográfica (na tentativa de recompor alguns factos), de dados de certidões (narrativas e de casamento) e achegas de pessoas de boa-vontade. Este é um pequeno pontapé de saída, que acreditamos merecerá de outros contributos de mais-valia, e que servirá de elemento catalisador para o reecontro das nossas raízes/origens e, fundamentalmente, trazer-nos alguma luz de conforto à nossa inquieta espiritualidade ancestral. Embora, com a esperança do grão-a-grão, reconhecemos com modéstia que a nossa contribuição é mera gota no oceano.

Contamos consigo neste breve percurso, que passamos a apresentar.

³ Recordar-se, também, a expressão de “*lerpar que nem um Cabinda*”!

⁴ Informante avançada da família, realça que a mais velha Marcelina (sua mãe) “suspirava”, de quando em vez, a ausência “prolongada” de seu filho cassule (que seguira caminho ao encontro de seus irmãos mais velhos, já em terras de Kwanza-Norte).

I – APRESENTAÇÃO

1.1. António João Nicolau e a sua Origem

António João Nicolau (*Kassessa/Massunga*), ou simplesmente António (*da Cahala*), natural de Cahala (Malanje); filho de João Nicolau, *natural de Cabinda*, e de Marcelina João Gaspar, natural de Malanje. Nasceu aos 3 de Julho de 1915 e foi baptizado aos 20 de Abril de 1919. Profissionalmente, foi carpinteiro e marceneiro e de cuja obra final se repercutiu, com a sua participação activa, na construção da igreja da Missão Católica de Camabatela (*freguesia de S. Francisco de Assis*); orientado pelo bem-aventurado padre Caetano, da Ordem dos Capuchinhos. Também, foi catequista-chefe da mesma Missão, com trabalhos de evangelização nas províncias de Uíge (especialmente no Negage, Puri e Quitexe) e no Kwanza-Norte (essencialmente, no município de Ambaca). Já aposentado por conta-e-ordem-própria, e com o beneplácito dos filhos, por força da guerra (com breve passagem no Bié, município da Nharêa), viveu os seus últimos tempos em Luanda. Foi casado catolicamente, em Camabatela, aos 14.12.40, com Cristina Rodrigues de Faria (*Wakujika*), natural de Cameleji/Tomba (Ambaca/Samba-Lucala, em Kwanza-Norte), nascida aos 23.09.23; filha de João de Oliveira Rodrigues de Faria e de Madalena Manuel Pinheiro, ambos de Ambaca (*Ku-Mbaca*). Os testemunhos (padrinhos) ao casamento foram António Cristóvão Lopes (*irmão-uterino mais velho*) e Esperança Elvira de Almeida Lopes, ambos casados, e, então, residentes em Vila Salazar; no qual os nubentes declararam «*querer livremente receber-se por marido e mulher e se uniram em matrimónio, procedendo em todo o acto conforme o rito da Santa Madre Igreja Católica, Apostólica, Romana* (sic)». Em Abril de 1963 foi merecedor da Bênção Apostólica de Sua Santidade o Papa João XXIII, extensiva à esposa e aos filhos. Nova Bênção foi concedida por Sua Santidade o Papa João paulo II aos 24 de Dezembro de 1990, aquando das bodas de ouro matrimonial. Na sua missão pastoral como catequista manteve-se sempre fiel e temente a Deus, mesmo nos momentos mais difíceis da sua vida, como por exemplo: a morte de um irmão mais velho e sobrinhos em 1961, a prisão que sofreu (mais o seu filho primogénito) em 1964, o desaparecimento prematuro do seu filho Paulito (soprado pelos ventos de 1977) e, posteriormente, o falecimento do seu primogénito Alfredo. No pré e pós-independência, soube exercer o seu direito de cidadania, primeiro, no apoio directo (a custo zero) aos guerrilheiros que regressavam das matas, cujos beneficiários e testemunhos ainda vivos podem confirmar. E, segundo, na participação consciente nas primeiras eleições gerais de Angola em 1992.

O mais velho Conceição ou Nicolau (como também era conhecido), foi pai de 13 (treze) filhos, dos quais, actualmente, estão sobrevividos 5 (cinco), a saber: Suzana Nicolau Inglês (Chinha), Luzia Nicolau Barceleiro (Gigi), António Lopes Nicolau (Tony), Esperança Nicolau Leitão Ribeiro (Pancha) e Marcelina Nicolau de Sousa (Avozinha/mãezinha). Para além dos filhos, os seus descendentes directos, devidamente identificados e localizados, estão alistados em mais de **60 netos**, cerca de **120 bisnetos** e **3 trinetos**, a maioria a residir actualmente em Angola e o restante, temporariamente, na África do Sul (RSA) e Estados Unidos da América (USA).

1.2. António João Nicolau, no Universo dos Descendentes de “João Nicolau & Ventura Lopes”

João Nicolau (*João-Cabinda*), ligado à missão católica, provavelmente dentre as paroquianas, teve como primeira esposa uma senhora de origem quioca com a qual teve os primeiros filhos⁵.

Das fontes de recolha tivemos a informação de que, por razões não identificadas, a senhora quioca regressou às suas terras de origem, talvez, em companhia de algum seu conterrâneo, deixando os filhos aos cuidados do seu esposo, sem nunca mais dar notícias do seu paradeiro. Soubemos, também, que João Nicolau ao ter os primeiros filhos rapazes sempre sonhou ter uma menina. Nascida a menina nomeou-a sua mãe (Suzana). Por infortúnio, a mesma, faleceu de tenra idade. Não conformado com a situação, não mais quis ter esposa, confinando-se à vida pastoral, até que, segundo versão, os próprios padres o aconselharam a juntar-se a uma senhora cristã, então viúva de Cristóvão Lopes e com filhos menores. Numa primeira atitude achou-se relutante, pelos desgostos, mas acabou por ceder. Aí, então o aparecimento da dona Marcelina João Gaspar a ser desposada pelo homem-da-igreja, João Nicolau, do qual resultou o rebento chamado António João Nicolau. João Nicolau, sempre sonhou com a menina e como não apareceu, preferiu parar por aí, e nada mais filhos apareceram de ambas as partes.

João Nicolau, foi sapateiro de profissão e acabou seus tempos ligado à igreja. No ano em que seu filho, António, havia perspectivado de ir buscá-lo à Malanje, após estabelecido o seu enlace matrimonial, para juntos viverem em Ambaca, o “mais-velho” acabou por falecer em **1949**, ainda em terras de Malanje. Soubemos, também, que João Nicolau foi bastante amável com os filhos encontrados com a dona Marcelina João Gaspar, em termos de tratamento e acompanhamento, o que poderá justificar a nomeação de um *xará* na casa de António Cristóvão Lopes.

Para o que nos interessa de momento com os dados disponíveis, os descendentes (directos e tutelados) de João Nicolau são os que estão relacionados com os irmãos e descendentes de António João Nicolau e que constam do seguinte:

⇒ IRMÃOS DE ANTÓNIO JOÃO NICOLAU:

Irmãos PTERNOS (Pai: **João Nicolau**; nasc. 00.00.885; falec. 00.00.49;
Filho de Nicolau e de Suzana)

1. Paulo João Nicolau⁶: nascido no início do primeiro decénio de 1900, em Malanje. Faleceu nos anos 50.

⁵ Segundo *Maria da Conceição Nicolau* (Maria Paulo ou avó Conceição), seu avô João Nicolau (sapateiro), dizia que sua mãe era de Sta. Maria (em Cabinda ou Cabo-Verde?) (depoimento colhido em casa da informante, na Terra-Nova, em Luanda, aos 10.10.06).

⁶ Segundo *Maria da Conceição Nicolau* (Maria Paulo ou avó Conceição), seu pai Paulo Nicolau, foi contra-baixo da sinfónica militar e actuava na banda do palácio do Governador Geral de Angola. Lembra-se, que o mesmo para se aperfeiçoar esteve em Portugal por volta de 1934, pois, ela já contava com 9 anos de idade (depoimento colhido em casa da informante, na Terra-Nova, em Luanda, aos 10.10.06).

2. José João Nicolau: nascido em meados do primeiro decénio de 1900, em Malanje.
3. Suzana João Nicolau: nascida, provavelmente, no final do primeiro decénio de 1900, em Malanje (faleceu com tenra idade).

Irmãos UTERINOS/ MATERNOS (Mãe: **Marcelina João Gaspar**)

4. António Cristóvão Lopes
5. Luísa Cristóvão Lopes
6. Teresa Cristóvão Lopes
7. Domingos Cristóvão Ventura Lopes.

N.B: o pai dos referenciados era nomeado ***Cristóvão Ventura Lopes*** (foi “*itinerante*” na zona comercial avançada da feira de Kassanje, em Malanje-Lundas).

⇒ **FILHOS DE** :

1. **António João Nicolau;** (nasc. 3.07.15; falec. 9.02.96)
 - **Alfredo** António da Conceição Nicolau (nasc. 7.03.42; falec. 9.11.87)
 - **Gêmeas** (*Caculo e Cabaça*) (nasc. 00.00.44; falec. 00.00.44)
 - **João** da Conceição Nicolau (nasc. 10.10.45; falec. 00.11.00)
 - Suzana António da Conceição Nicolau (nasc. 8.06.48)
 - **Nicolau** João da Conceição Neto (nasc. 25.10.50; falec. 31.10.07)
 - Luzia Rodrigues da Conceição Nicolau (nasc. 12.12.52)
 - **José Paulo** da Conceição Nicolau (nasc. 2.02.55; falec. 23.12.77)
 - António Lopes João da Conceição Nicolau (nasc. 12.05.57)
 - **Marcelino** da Conceição Nicolau (nasc. 00.00.59; falec. 00.00.59)
 - Esperança Elvira da Conceição Nicolau (nasc. 16.03.60)
 - Marcelina António da Conceição Nicolau (nasc. 03.02.62)
 - (*por nomear*) (nasc. 00.00.65; falec. 00.00.65)
2. **Paulo João Nicolau;** (nasc. 00.00.905; falecido nos anos 50)
 - Maria da Conceição Nicolau (nasc. 23.08.25; falec. 00.00.12)
(**mãe:** Antónia Mateus João Maria; falecida nos anos 90)

⇒ **NETOS DE** (filhos de): **Paulo João Nicolau**

- (Maria da Conceição Nicolau)
 - **José Paulino Botelho Vasconcelos** (faleceu anos 90)
 - António Botelho Vasconcelos (nasc. 18.02.48)
 - Paulino José Botelho Vasconcelos (nasc. 00.08.51)
 - Carlos Botelho Vasconcelos (Moreno) (nasc. 29.03.53)
 - **João Paulino Nicolau Botelho Vasconcelos** (00.00.55; Falec.00.00.77, em Malanje)
 - **Wilson Paulino Botelho Vasconcelos** (07.01.61; Falec. 12.09.07)

Nota: (**pai:** Paulino José Botelho Vasconcelos)

3. **José João Nicolau;** (nasc. 00.00.07; falec. -----)

PROJECTO FANYCOL

IBAN: AO 06001000010001177801154

BPC – Agência Central (Sede) Luanda

- (não se reconheceu nenhum filho. Provavelmente, tenha algum descendente em *S. Tomé e Príncipe*, onde esteve nos anos de 1934 e que dizia ter deixado mulher concebida)
4. **Suzana João Nicolau;** (nasc. 00.00.12; falec. -----)
- (não deixou filhos. Morreu de tenra idade)
5. **António Cristóvão Lopes;** (nasc. 00.00.08; falec. 00.00.-----)
- Carpinteiro-marceneiro, aprendido com seu cunhado Alfredo Piedade (*camugumba*) (esposo da Luisa). Foi, também, Catequista, principalmente, no Ambaca e Ndalatando. Principal orientador profissional e espiritual dos irmãos, tanto o Domingos como o António (Conceição), que deixaram muitos afilhados (que se tornaram nossos irmãos espirituais, de um apego familiar tão forte, que em muitos casos ultrapassaram os próprios parentes consanguíneos) nas paragens onde passaram. António Lopes (tido, tutor dos restantes irmãos) deixou filhos, netos e bisnetos.

⇒ **FILHOS DE :**

António Cristóvão Lopes; (nasc. 00.00.08; falec. 00.00.00)

- Madalena António Lopes (M.Grande)
 - Cristóvão Lopes (Papo) (nasc. 00.00.00; falec. 00.00.61)
 - Pedro Ventura (Fonseca)
 - Luiza Lopes
 - Pedro V. Lopes
 - Marcelina Lopes
 - João C. Lopes (v.g. Nicolau)
 - Maria Madalena Lopes (M.Pequena)
6. **Luísa Cristóvão Lopes;** (nasc. 00.00.10; falec. 00.00.-----)
- Pela sua sagacidade, destreza e bom humor deveria ter o título de «*Embaixadora-da-Boa-Vontade*». Recordam-se os mimos que acalentavam o seu cassule, Conceição, já todo grandinho e com netos. A Embaixadora, deixou filhos, netos e bisnetos.

⇒ **FILHOS DE :**

Luísa Cristóvão Lopes; (nasc. 00.00.10; falec. 00.00.00)

- Pedro Gomes da Piedade
 - Maria D. da Piedade
 - Ana Gomes da Piedade
 - Marcelina Gomes da Piedade
 - Isabel Gomes da Piedade
 - Fátima D. da Piedade
 - Alfredo Gomes da Piedade Júnior
 - Domingos Gomes da Piedade
7. **Teresa Cristóvão Lopes;** (nasc. 00.00.12; falec. 00.00.-----)

PROJECTO FANYCOL

IBAN: AO 06001000010001177801154

BPC – Agência Central (Sede) Luanda

- Convivemos pouco tempo. E para alegria da malta deixou-nos uma mana Cristina de uma simpatia ímpar, que se assemelha ao estilo de uma seguidora da nossa Embaixadora, Luísa. A mana Teresa, deixou filhos, netos e bisnetos.

⇒ **FILHOS DE :**

Teresa Cristóvão Lopes; (nasc. 00.00.12; falec. 00.00.00)

- Cristina Francisco (nasc. 00.00.00; falec. 00.00.00)
- José Francisco António
- Joaquim Francisco António (nasc. 00.00.00; falec. 00.00.61)
- António Francisco
- Domingos Francisco António (nasc. 00.00.00; falec. 00.00.07)
- Manuel Francisco António (nasc. 00.00.00; falec. 00.00.00)/Pipica
- António Lopes Francisco (nasc. 12.07.54; falec. 00.00.13)

8. **Domingos Cristóvão Ventura Lopes;** (nasc. 28.02.14; falec. 00.00.61)

- Bebeu da fonte do irmão António Lopes, tanto na profissão como na orientação pastoral. *Mártir*, reconhecido em terras de Ambaca, da fúria colonial do triste ano de 1961, na companhia dos filhos Pedrito e Ventura (António). Em tempos idos, recordo-me ouvir música em violão *gentio*, em Kanguimbi, Ambaca, em alusão a Domingos Lopes que morreu na guerra: (*Oh! Domingo Lopié-é! Eh! uafuile mu Guelé-é! ...*).

⇒ **FILHOS DE :**

Domingos Cristóvão Ventura Lopes; (nasc. 28.02.14; falec. 00.00.61)

- Cristóvão Ventura Lopes (nasc. 17.10.39)
- Pedro da Cunha Ventura Lopes (nasc. 00.00.42; falec. 00.00.00)
- António Ventura Lopes (nasc. 00.00.45; falec. 00.00.00)
- Maria dos Prazeres da Conceição Lopes (nasc. 28.02.47)
- Domingos Ventura Lopes Júnior (nasc. 26.04.53; falec.00.00.93)
- Marcelina Victória Cristóvão Lopes (nasc.12.04.56)
- José Maria Fragoso Lopes (nasc.17.09.58)

Como poderão ajuizar, outros irmãos por afinidade de António João Nicolau existiram, tanto por parte dos irmãos paternos (de confirmação remota, por se perder o fio de ligação *quioco*) como dos irmãos maternos (de confirmação possível, através dos nossos parentes sobrevividos em Luanda e Malanje). Convém ressaltar, aqui também, os irmãos conhecidos e alguns familiares próximos de Marcelina João Gaspar (mãe do mais-velho Conceição), a saber:

⇒ **IRMÃOS E SOBRINHOS DE MARCELINA JOÃO GASPAR:**

1)Irmãs:

- Bernarda João Gaspar
- Maria João Gaspar

2)Sobrinhos:

PROJECTO FANYCOL

IBAN: AO 06001000010001177801154

BPC – Agência Central (Sede) Luanda

2.1)Filha de **Bernarda João Gaspar**

- Domingas Francisco Afonso

2.2)Filho de **Maria João Gaspar**

- Rosário João

N.B: neste capítulo, está em curso a recolha de mais dados que permitirá uma maior amplitude e desdobramento da extensão familiar. Nesta senda, contamos com o apoio de familiares mais velhos conhecedores das nossas origens.

II – “ALIANÇAS” E AMIZADES FAMILIARES

Os nossos apanhados registaram de leve que as “alianças” e as amizades familiares mais próximas e significativas de António João Nicolau e dos seus ascendentes/ descendentes estão relacionadas com as famílias «*Ventura Lopes*», «*João Gaspar*», «*Fragoso*», «*Cosme*», «*Piedade (Camunguamba)*», «*Rodrigues de Faria (Hele-diá-mukulu)*», «*Inglês (Mbwambwa)*» e «*Sousa Fernandes*». Aqui, também, as “estratégias” de casamentos inter/intra-familiares foram tomadas como forma de alianças, bem como a saída de laços de bons compadres e boas comadres! (...) Saudamos ser salutar que cada família, em particular, assuma na plenitude contar e cantar o melhor da sua própria história, legado dos que já passaram. Estendemos, com sinceridade, a nossa mão de amizade fraterna. (...) É bem sabido, que a nossa gratidão às famílias é vitalícia. Bem hajam !!!

III – USOS E COSTUMES DE FAMÍLIA

Geralmente, os usos e costumes estão associados à origem da família e a sua referência territorial. Para o caso em questão, encontrámos uma simbiose “*Cabinda-Lunda-quioco-e-Ambaca*”! (...)

Pontos de Referência Territorial: os descendentes imediatos de António João Nicolau, estão essencialmente identificados nas localidades do corredor Luanda-Cazengo-Lucala-Ambaca (Camabatela). Eventualmente, outros familiares estarão em localidades do Bengo, Cacuso-de-Malanje, Malanje, Lundas, etc. No que se refere à Cabinda, devido à forma e ao tempo distante da retirada de João Nicolau, carece de mais buscas para se confrontar com os poucos dados disponíveis. Mesmo assim, das pistas que temos confirmam que no período da sua retirada estavam já em decadência os antigos reinos de Cabinda então existentes (Loango/loango – ao norte; Cacongo/lândana – centro/leste; e NGOio/cabinda – ao sul). Na documentação em nossa posse refere que António João Nicolau é filho de João Nicolau, *natural de Cabinda*. Com esta referência, em princípio, é justo deduzir que os ascendentes de João Nicolau foram do reino de Ngoio. Esta trajectória poderá ser melhor explorada em consulta de documentos ligados aos missionários (padres católicos) que aportaram Cabinda e depois, provavelmente, foram forçados a retirarem-se para Malanje, levando com eles os seus rapazes (provavelmente, ajudantes/sacristãos). Se fizermos uma pequena incursão do que aconteceu muito recentemente com as deslocações e destruições das populações/quimbos em tempo de guerra, facilmente será entendível o *drama* das estórias ocorridas com as populações dos então reinos em Cabinda.

Pontos de Referência Familiar: verificámos que para além dos familiares supramencionados há uma grande cadeia de entrosamentos familiares⁷, cuja explicação não

⁷ Ver por exemplo, *João Faria Ventura Lopes* (Tio Faria, em Malanje).

cabe neste pequeno rascunho. A título de exemplo temos a família Kaueto, a família Gonçalves: os primos Jerónimo, Felícia, Gigi, entre outros. Temos as *irmãs-espirituais* das famílias Calengue, Canhanga, etc. É assim, que por terras de Ambaca os nossos pais eram chamados/tratados respeitosamente por padrinho/madrinha (pelos mais velhos) e de avô/avó (pelos mais novos); sem ter em conta os demais e inúmeros *xarás*. Fizemos uma busca de referências de nomes e apelidos e encontramos «*Nicolau*», «*Conceição*», «*António da Conceição*» e «*Cristina*», principalmente em Kwanza Norte e Sul, Luanda, Zaire, Cabinda e Lisboa. Encontrámos referências de «Nicolau» no papado em Roma, nos Czars da antiga Rússia e em outros países da Europa, particularmente na Europa de Leste. O nosso «Nicolau» deve ter origem na igreja católica ou mesmo, remotamente, de um embarcação português; pois encontramos no norte de Angola, por volta de 1641/3, um tal Jacinto Ambriz (provavelmente, o que deu o nome a mesma localidade) pai de um filho com o nome de Nicolau - que fazia viagens até Cabinda e vice-versa.

Falando da localidade de Cabinda, alguns admitem que o nome tenha derivado da aglutinação da última sílaba de Mafuca (intendente geral do comércio)⁸ com Binda (nome próprio do mesmo) o que dá Ca-binda (nome do porto e da terra). Para os nativos, o local referenciado, era *tshiowa* ou *kiowa*⁹ (NGuma, p.18/19).

Em NGuma, encontramos a informação de que segundo os ancestrais e monografias os povos de Cabinda são originários (provavelmente) de *Kongo-dia-Ntotela* (Mbanza-Congo/Reino do Congo), que derivaram os reinos de NGoio (sul), Cacongo (centro) e Loango (norte), então tributários do Reino do Congo. Onde se situava o palácio do rei do Loango funciona, actualmente, a missão católica do Loango (idem, pp.20/22).

É *mister* saber que cada povo tem os seus usos e costumes, tem a sua maneira de ser e estar na vida, portanto tem a sua história; isto é, tem a sua identidade própria. E nós que somos o resultado dum cruzamento *Tshiw binda* e *nbundu*, o que fazer! Rebuscar às origens para podermos entender alguns comportamentos e atitudes, estudando e aproximarmos cada vez mais, não para buscar algum dividendo material, mas simples *aconchego* espiritual para o equilíbrio emocional, com a finalidade de criarmos uma nova imagem da nossa ancestralidade e podermos transmitir às novas gerações, ávidas do conhecimento, que é cada vez mais global. Donde viemos e aonde vamos! Há quem avenge que o nosso *modus vivendi*¹⁰ é de certo modo mestiçado/crioulo, referindo-se à dupla, tripla ou mais posições quando em situação de conflito ou conflitos, mesmo que geracionais!

Um *Tshiw binda*¹¹ ou um *nbundu*, para fazer chegar ou transmitir a sua mensagem, sempre utilizou termos proverbiais como forma filosófica, madura do ancião se pronunciar,

⁸ Na língua kimbundu, significa fidalgo (ver, também, NGuma, p.24).

⁹ Na língua kimbundu, significa asno/pateta. Ver em NGuma a designação colonial desapropriada da língua *fiote* (idem, P.33)

¹⁰ Veja-se aqui o alcance do casamento tradicional em comparação ao amestiçado: a união dos recém-casados se associa, também, a união das duas famílias (as famílias dos noivos), entendida como sendo os pais, irmãos, tios e outros parentes mais próximos. É entendido que para um bom casamento duradouro é necessário o apoio, a simpatia dos cunhados e sogros; o contrário, seria uma farsa, sem solidez e de fraca duração (idem, p.32).

¹¹ Ou simplesmente *Tshiwbinda*, simbiose de arranjo pessoal, não vinculativo, de proposta de nome derivado de Tshiowa+Ibinda (idem, P.34). Ver, também nas Lundas, *Tshibinda*, em Castro Henriques/Isabel, 1997, pp.159 e 767.

(...) representando um alto grau de sabedoria popular. Aqui reside, talvez, a sentida necessidade espiritual de assumirmos o nosso passado histórico-cultural, com forte pendor cultural, entendida a cultura como sendo uma *manifestação espiritual e global em todos os aspectos*: experiências acumuladas através dos tempos, assentes em investigação pessoal sobre a pré-história, tradição oral, linguística, arqueologia, etnologia, toponímia, egiptologia e antropologia, entre outros documentos consultados de diversos autores.

IV – EXCERTO DA HISTORICIDADE DE CABINDA (1491-1900)

A presença e o contacto dos portugueses com os cabindas deu-se no remoto ano de **1491**, final do séc. XV e início do XVI, que deu sustento ao comércio triangular do tempo do tráfico de escravos, cuja principal mercadoria era o homem robusto, para além do marfim e ouro e outros tantos produtos. A estadia portuguesa foi bastante contestada por outras potências europeias, especificamente pela França, Inglaterra e Holanda que utilizavam os portos da região para o tráfico de escravos.

De **1580** a 1640, a Holanda dominou Cabinda. Os padres capuchinhos instalados na foz do Zaire faziam tudo para que os holandeses e ingleses deixassem de comprar escravos, conseguindo os padres fechar-lhes o porto¹².

Em **1685**, um capitão inglês, repellido do porto de Soyo conseguiu fazer aliança com D. António Barreto, conde de Soyo, do que veio a resultar uma incursão pelo reino de Ngoio, que os ingleses vieram a saquear.

Em **1702**, devido a fortes rivalidades no comércio de escravos, barcos franceses e ingleses guerrearam-se, entre si, tanto que os franceses pediram em auxílio aos padres capuchinhos do Zaire (Soyo). Por sua vez, os ingleses conseguem captar as boas graças do rei do Ngoio, que manda arrasar a feitoria francesa.

No ano de **1722** uma armada portuguesa, aproveitando-se do conflito entre ingleses e franceses, voltou a ter o domínio da região. Em 1723 arrasou um fortim inglês, passando a partir daí a ser ameaçada por navios franceses. Consta que em 1768 os padres franceses da missão de Cacongo, na área de Tando-Zinze chegaram a reunir 300 marinheiros da sua nacionalidade.

Em **1784** foi o ano em que se obteve a capitulação dos franceses, cujo forte inacabado foi parcialmente destruído e restabelecida a ordem. Por outro lado, os ingleses procuraram intensificar o comércio com os indígenas firmando tratados com os régulos.

Entre **1824-1829**, o Governador de Angola chama-se **Nicolau** de Abreu Castelo Branco¹³.

Em **1841** os Ingleses chegaram a Malemba e tentaram ocupar Cabinda, mas são repellidos graças a acção de alguns naturais encabeçados por José Puna e Francisco Franque. Os

¹² (...) depois dos portugueses terem instalado algumas feitorias, surgiram os ingleses, franceses e holandeses, estes últimos, que deixaram obras de relevo aquando da sua ocupação efectiva no conturbado período de 1580-1648. Portugal procurou resolver essas contendas-contradições fazendo alianças com outras potências. E o caso do tratado luso-britânico, de 26 de Fevereiro de 1884, no qual Portugal obteria vantagens em possuir as terras ao norte de Ambriz, mas que outras potências refutaram (cfe. Nguma, 2005, pp. 45-50).

¹³ HENRIQUES, Isabel, 1997, p.710.

territórios a norte do rio Zaire foram seriamente cobiçados e disputados por Portugal, França, Bélgica e Inglaterra, o que demonstra quão era disputada Cabinda entre as potências europeias, criando situações embaraçosas no seio das populações autóctenas. Estas disputas culminaram com a segmentação do reino do Loango, do Ngoio e de Cacongo. Portugal procurou resolver essas contendas-contradições fazendo alianças com outras potências. Vejamos o caso do tratado luso-britânico, de 26 de Fevereiro de 1884, no qual Portugal obteria vantagens em possuir as terras ao norte de Ambriz, mas que outras potências refutaram¹⁴.

Em **1878** foi o fim oficial da escravatura, decretada em 1869¹⁵.

A perda de «independência» dos antigos reinos, da actual Cabinda, resulta dos seguintes tratados com os portugueses¹⁶:

- a) **1883**, aos 29 de Setembro, tratado de Chinfuma (**Cacongo**);
- b) **1884**, aos 26 de Dezembro, tratado de Chicamba (**Loango**); e, finalmente,
- c) **1885**, a 1 de Fevereiro, tratado de Simulambuco (**NGoio**).

É de sublinhar, que em 15 de Fevereiro de **1884** foi o início da conferência de Berlim, onde participaram a Alemanha (anfitriã do chanceler Bismark), França, Inglaterra, Portugal, Bélgica, Espanha e E.U.A. A Holanda ficou de fora. (...). O término do tratado foi em 1885 e a partilha efectiva em **1886** (...). Na época da partilha europeia da África, o europeu concebia-a como uma imensa terra vazia e sem mestre, onde tinham o livre-curso a anarquia, a selvajaria e a escravidão, donde a sua acção se destinava a levar a civilização e progresso aos africanos¹⁷.

Em **1890**, as operações militares portuguesas destinadas a assegurar a ocupação efectiva provocaram revoltas africanas em várias regiões de Angola¹⁸.

1897-1900 – Governador, António Duarte Ramada Curto (com 2º mandato aos 1904-1906, provavelmente, altura em que João Nicolau chegou à Malanje, em companhia dos padres católicos (capuchinhos ou Jesuítas?!); ou então na governação de Francisco Xavier Cabral de Oliveira Moncada – 1900/1903)¹⁹.

V – PASSAGEM «FORÇADA» À RESERVA DA VELHA-GUARDA E O DESPONTAR DA NOVA-GERAÇÃO

Se antigamente, o velho ditador Salazar pregava que «o trabalho dignifica o Homem», hoje, o meu vizinho Roque reclama que afinal «o trabalho danifica o homem»! Verdade, ou mentira, (...) falou e disse, e ainda mais, *repituu, tripituu, quadripituu, quintupituu, sextupituu*, (...) e para dar mais raiva na cara, aconselha todo mundo a trabalhar, menos-

¹⁴ NGUMA, 2005, pp.45-50.

¹⁵ HENRIQUES, Isabel, 1997, p.706/7.

¹⁶ NGUMA, 2005, p.57.

¹⁷ NGUMA, 2005, pp.51-53.

¹⁸ HENRIQUES, Isabel, 1997, p.707.

¹⁹ HENRIQUES, Isabel, 1997, p.711. Este exercício, é uma tentativa da procura das “reais” motivações da (e)migração definitiva de João Nicolau, bem como encontrar outras pistas, que achamos ser possível encontrar através de estudos nos arquivos católicos de Cabinda, Luanda e Malanje.

eu-e-ele! (*pois, já trabalhámos demais e precisamos, também, de descansar à sombra de uma grande jingubeira!*)

Senhoras e senhores, mais-velhos (ou melhor, jovens-antigos), sou a anunciar que as próximas estações estão a chegar. Não-de faltar apeadeiros e o comboio de regresso estará cada vez mais próximo, porque o apito, também, deixará de apitar e o pouca-terra, pouca-terra, ... já era, uma vez!

Assim, quando a hora chegar, descansaremos em paz em nossas tumbas se de facto soubermos ser audazes e perspicazes com os nossos mais-novos, estes, e outros. Outrora, dizíamos ao Ti-Nicolau (*Man-Nicas*), mesmo àqueles - os da-tarracha, os do-arrasca ou os da-**talocha** - são nossos filhos. Bem ou “mal-educados”, devemos assumi-los na plenitude; pois, são frutos da guerra, do desleixo, da conjuntura, do *etceterrá*. São filhos de Angola que os saberão guiar, se os abençoarmos e lhes entregarmos a **tocha** para a senda de cada um, neste mundo, às vezes imundo, cada vez mais global-e-mais-curto. Morrer de fome ou à fome, não é nossa sina, abram alas e deixem a caravana passar (...). Existem os «meninos de rua e na rua»; e não queiramos transformar os nossos em “**Meninos sem Rua**”. É o que nos vai na ALMA! (...). E bendito-seja-Deus-que-nos-uniu-no-Amor-de-Cristo. *Amen... (doim) !*

Honremos a nossa parte e deixemos que a história se encarregue do resto! *Mahezu, enu mujingana! (...), muconda: Massunga kota, Uanga ndengue!*

VI – CONSIDERAÇÃO FINAL

Há muito ainda para completar este pequeno *acepipe*, mas entendemos que o espaço não é próprio, nem tão-pouco haveria “*tutú*” para agradar tanta malta !!! O que apresentamos, é um simples pontapé-de-saída para despertar a *consciência* dos mais-velhos e despontar a curiosidade dos mais-novos. Talvez, no cruzamento possa sair uma abordagem mais apurada. Por exemplo, é bom saber das famílias a ligação entre Mateus Inglês, Maria Ventura Lopes (*Vunje ya Ventura*), Luísa Mateus Inglês, Clemente Francisco de Sousa, Campos e Katerça Clemente de Sousa; e, por último, o próprio António João Nicolau. Pelos apelidos, denota-se que se está em presença de várias famílias. Experimente o *puzzle* e verá como é interessante! A nossa experimentação encontrará algum respaldo na nossa reflexão, ainda na forja, com o título de «*Os Meus Sonhos e os Caminhos da Vida*».

Para finalizar, reiteramos às “**FAMÍLIAS**”, o nosso mais sincero e profundo respeito, consideração e admiração. Agradecemos a vossa compreensão e **solidariedade** pelas nossas fraquezas e insuficiências; e, apresentamos as nossas sinceras desculpas, por imprecisões, erros e omissões (*IE&O*). Tanto que, “*o bêbedo só cai ... por vontade de querer andar (Massunga)*”!

NOS DESPEDIMOS:

Com um amplexo «*kandandu*», com sabor a um verdadeiro «*undandu*», pela vossa sabedoria e bastante paciência! E antecipamos, agradecimentos e melhores cumprimentos.

O APONTADOR,
(v/ *criado e fiel servidor*)

Tony da Conceição NICOLAU

(Aprendiz de Contador de Estórias e
Mestre em Estudos Africanos)

CONTACTO:

923 344 283

923 501 811

912 642 986

Luanda, Junho de 2015

PROJECTO FANYCOL

IBAN: AO 06001000010001177801154

BPC – Agência Central (Sede) Luanda

GLOSSÁRIO DE ALGUNS TERMOS RELACIONÁVEIS

1. **PUMBEIRO** – agente itinerante de uma casa comercial (Isabel, 1997, p.765)
2. **PUMBOS** ou **PAMBOS** – mercados do interior (idem Isabel, p.766)
3. **QUIMBARES** – negros livres ou libertos que vivem junto dos brancos (Idem)
4. **KIMBALO** – comerciante (Idem, p.761)
5. **FUNANTE** – pequeno comerciante do mato, funcionando como comerciante itinerante (idem, p.758)
6. **CAIXEIRO** – empregado das casas comerciais, instalado no mato (idem, p.755)
7. **AVIADO** – comerciante do mato, trabalhando com mercadorias fornecidas a crédito pelos seus colegas dos portos ou das cidades comerciais (idem, p.754)
8. **CAMBULADOR** (ver cambolação, idem p.755) – Linguisteres, lingsters – intérpretes (kalei), agentes das casas comerciais que procuram atrair os clientes (idem, p.760 e 762)
9. **AGREGADOS** – homens livres que se colocam voluntariamente na dependência dos portugueses para levar a cabo operações comerciais no mato (idem, p.753)
10. **FAMOROSAS** – métodos de propaganda utilizados para atrair as clientelas africanas por algumas casas comerciais, situada no interior de Angola (idem, p.758)
11. **KIKUMBA** – parentes. Designa também os escravos comprados e destinados aos serviços domésticos nas caravanas (idem, p.760)
12. **JIA DIA PANDA** – «grande caminho». Estrada comercial ligando a região de Kassanje à Musumba (local de compra), contorna os territórios imbangalas (idem, p.760)
13. **LEMBAS** – protectores, procuradores, credores (idem, p.761)
14. **LAZARINAS/canhangulos** – espingardas de carregar pela boca (idem, p.756 e 761)
15. **KISSOKO** – na linguagem corrente significa confiança, familiaridade. Trata-se, de maneira mais precisa, de um «pacto de aliança», graças ao qual duas ou várias pessoas se comprometem a respeitar um costume ou uma lei (Isabel, 1997. p.761)
16. **KIBILAS** – escravos encarregados de guardar as kibindas (idem, p.760)
17. **KIBINDAS** – os diferentes mausoléus onde são conservados os corpos dos jagas (Idem, p.760)
18. **HIBINDAS** – caçadores (idem, p.758)
19. **HAMBA NDEKE** – avião (idem, 759)
20. **HAMBA SITIMA** – caminho de ferro (idem)
21. **JOAQUIM RODRIGUES GRAÇA** – comerciante brasileiro instalado no Golungo-Alto, onde procurava cultivar café, associado a D. Ana Joaquina dos Santos Silva, a embaixada oficiosa à capital lunda, em 1846 (idem, p.759)
22. **GOLAMBOLE** – título militar africano, geralmente considerado como sendo equivalente a de coronel (idem, p.759)
23. **FUKA** ou **HAFUKA** (plural *Mafuka*) – escravatura por dívidas (idem, p.758)
24. **DONGO** ou **PIKA** – escravo comprado (idem, p.757)
25. **EMPACASSEIROS** – tropas negras formadas inicialmente por caçadores de pacassas (idem, p.757).